

# O SENTIDO DA ESCOLA OU A ESCOLA SEM SENTIDO?



Baixar artigo

**Adriana Borges de Araujo**  
*dricaborga@yahoo.com.br*

*Psicóloga do Centro de Referência da  
Assistência Social do município de Diadema/SP.*

A escola, depois da família, é a instituição que proporciona a socialização dos sujeitos, permitindo que façamos parte de um outro grupo. Assim, os contatos sociais passam a fazer parte do cotidiano de muitas crianças. É uma fase de descobertas, que podem gerar diversos sentimentos e sensações, como: entusiasmo, medo, alegrias, desapontamentos, ou seja, traz a convivência humana.

Lembro da minha experiência nos primeiros anos escolares como algo grandioso, mas, ao mesmo tempo, tenebroso, pois a figura do adulto ainda permanecia nesse ambiente, o que, em muitos momentos, proporcionava medo, angústia diante da autoridade com sua figura poderosa, dedo em riste, distribuindo ordens e tarefas incessantemente. É claro que não tive apenas lembranças ruins, porém sobre os primeiros anos não consigo me recordar de fatos agradáveis, a não ser os que passei com os meus pares, também colegas de classe. Contudo, não quero me ater à minha vivência, mas relatar uma outra que presenciei no período em que atuei como psicóloga por apenas três meses nas escolas de um município do litoral norte paulista.

Aliás, minha trajetória profissional prevaiente foi no setor da assistência social: atuei durante dois anos como técnica psicóloga numa Ong do município de São Paulo, dois anos como educadora social no Centro de Referência Especializada na Assistência Social (CREAS) de um município da Grande São Paulo e, atualmente, atuo como Psicóloga na Proteção Básica de um dos municípios do Grande ABC paulista.

Como minha experiência maior foi em outra área, o setor da educação foi algo bastante novo e, por isto, desafiador. Neste trabalho com as escolas, fazíamos parte de equipes de profissionais: fonoaudiólogos, psicopedagogos e psicólogos e realizávamos visitas diariamente a aproximadamente dezesseis instituições durante o mês, sendo que em algumas, a periodicidade era quinzenal e, em outras, mensal.

No cotidiano, me deparei com diversas situações e casos complexos, bem como diferentes estruturas de organização do corpo escolar, docentes, coordenadores e direção. A proposta de acompanhamento era institucional, todavia, a escola nos cobrava uma posição clínica, desejando que cada caso fosse analisado individualmente. Como se não bastasse a confusão existente na própria proposta de trabalho, estava também instalada a dificuldade em relação ao nosso papel.

Diante desse cenário, fazia uma tentativa de esclarecimento da nossa atuação, o que se transformava num trabalho de persuasão, de convencimento da inviabilidade da proposta clínica e da possibilidade de intervenção institucional. Desta forma, as resistências, as dificuldades de mudança, e os diversos questionamentos eram constantes. Mas, meu método de trabalho estava traçado: observações em sala de aula, entrevistas com família, professores... E, foi especialmente em sala de aula que pude reviver os momentos agradáveis dentro do ambiente escolar, mas também os desapontamentos que esta instituição pode provocar na vida escolar de uma criança.

Em uma das instituições, foi-me apresentado um 'caso' de uma criança do quarto ano do ensino fundamental, que possuía dificuldades de alfabetização. Esta criança em outras disciplinas se desenvolvia muito bem, mas quando chegava a tal da Língua Portuguesa, a confusão se instalava e a criança não conseguia prosseguir. A direção e a coordenação relatavam o caso com certa perplexidade, dizendo que já tinham feito de tudo, mas não conseguiam que a criança lesse e escrevesse. Sendo assim, o que mais precisavam era de um diagnóstico, dizendo qual seria o 'problema' dessa criança.

De acordo com o exposto, fui à sala de aula realizar a observação, e o que vi foi uma criança quieta, com relativa comunicação com seus colegas de classe. Um desses colegas, próximo do fim da aula, mostrou-me um caderno que continha muitos desenhos, de autoria dele e da criança. Estes desenhos eram muito bem feitos, elaborados, com traçado firme, demonstrando aí a sua grande habilidade artística. Em conversa com a professora, a mesma colocou que, no momento, em que tentou se utilizar de outra forma na tentativa de alfabetizar a criança, foi barrada pela direção. Inclusive, sua aula acontecia de maneira tradicional: leitura do livro, acompanhado pelos estudantes, com baixa interação entre ela e as crianças.

Na segunda etapa, fui conversar com a família representada pela figura do pai. Este, mostrou-se preocupado com o desempenho escolar do filho, mas ressaltava as potencialidades que conseguia observar no mesmo: a habilidade para desenhar, para jogos e, por isso, não acreditava que fosse apenas responsabilidade de seu filho a dificuldade de aprendizagem. Notava que a instituição, na verdade, não sabia lidar com a criança, e em uma reunião de pais, pontuou que na sala apenas uma criança não apresentava desenvolvimento satisfatório, expondo de modo desnecessário, seu filho. Esta reunião, segundo o pai, foi pautada por gráficos, dados, ou seja, números, provas de que seu filho estava 'fora' do que a escola tinha como objetivo.

Na última etapa, conversei com a criança, que com seu jeito tímido, me dava respostas monossilábicas, não se prolongando nas questões. Então, resolvi utilizar como ferramenta, uma de suas habilidades: o desenho. Pedi ao mesmo que desenhasse a escola, o que ele gostava, enfim, o tema principal era esse, e ele poderia fazê-lo da maneira que quisesse. De imediato, a criança iniciou a tarefa, e logo a terminou. Perguntei se gostaria de dizer algo a respeito, ao que a resposta foi não. Apesar de que seu desenho era claro, objetivo, não necessitando realmente de maiores explicações. O desenho era o seguinte: estava dividido em quatro quadros, o primeiro representava a entrada das crianças na escola, o segundo, o período da aula, o terceiro, a hora do intervalo e, por último, a saída.

Interessante observar que a criança desenhou o sinal em todos os quadros, exceto na sala de aula. E, em todos os ambientes existiam pessoas, menos na sala de aula; neste quadro, nem mesmo a professora foi desenhada, isto é, a sala de aula foi representada como vazia, existindo apenas as mesas e cadeiras. Não pude dar continuidade ao trabalho, pois mudei de município, e fui trabalhar em outro local.

Óbvio que houveram diversos casos, porém este ficou marcado, talvez por uma identificação, não sei, mas especialmente pela forma como aquela criança retratava a sala de aula. Ao que parece, ela conseguia se inserir no ambiente escolar, mesmo que a própria direção o rejeitasse, porém, a sala de aula... Para ela, não existia. Aliás, enquanto estrutura estava ali com suas mesas e cadeiras, mas vazia, sem ninguém.

Provavelmente pouco do que acontecia ali dentro fazia sentido para ela, e no processo de aprendizagem, o significado é muito importante. Os modos criativos de ensinar, proporcionar a vivência deveriam fazer parte do processo de ensinagem, e não apenas a transmissão de conteúdos que são determinados por instâncias superiores. Contudo, no momento, em que o professor tentou seguir esta ideia, a escola barrou e, mais uma vez, perdeu a oportunidade de dar sentido a esta criança.

Cabe aqui ressaltar que este, talvez seja um outro problema existente nas escolas atualmente; pouco se participa da elaboração e planejamento dos programas que serão repassados aos estudantes.

E isto não fica centrado apenas nos conteúdos, mas também no tempo e na forma como estes devem ser transmitidos, desconsiderando o perfil da sala de aula, ferramentas modernas e atuais como, por exemplo, os celulares e, isto sem falar, na precária formação do corpo docente, bem como da direção.

Desta forma, as instituições não conseguem dar conta do seu real papel e responsabilidade na aprendizagem e na vida dos pequenos cidadãos, e acabam por lançar a 'culpa' sobre a família, ou a própria criança. Assim, enfatizam que o aluno faz jus ao seu significado, ou seja, é um ser sem luz. Querem um diagnóstico, não é à toa a 'onda' de autistas e hiperativos nas salas de aula.

A sociedade como um todo, através da mídia e, principalmente, propagandas políticas, enfatizam a 'preocupação com a educação' e sua importância, mas pouco se discute sobre ela, discussão essa que não deveria se restringir apenas dentro das escolas porém, ultrapassar seus muros. Aliás, em todo o tempo e lugar, estamos aprendendo. Porém, ficamos nesse embate: a sociedade 'culpa' a escola sobre a defasagem na aprendizagem, a escola se defende e, muitas vezes, 'culpabiliza' a família e a própria criança, e esta? Qual o sentido da escola e em que sentido ela caminha?

Esta 'culpabilização' desenfreada, ora pra um, ora pra outro, não faz sentido. Devemos demonstrar real preocupação e investimento na educação, na aprendizagem. Entendendo que ela deve ser uma troca e gerar mudança, transformação. Como dizia Paulo Freire (2000):

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível muda-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes (Freire, 2000).

## REFERÊNCIAS

Freire, P. (2000). Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp.

